

HISTÓRIAS MAL CONTADAS

Lafaia Abranches, Alexandra (2017).

Guimarães: Ave Gráfica. Edição de Autor, 110 pp.

Isabel Ermida*

iermida@ilch.uminho.pt

Histórias Mal Contadas é a estreia de Alexandra Lafaia Abranches na cena literária portuguesa. Estreia editorial, entenda-se, pois em versão digital já os escritos da Autora circulam desde há largos meses, quase diariamente, entre um núcleo de fiéis leitores. O que lhe ouvimos nesta selecção impressa é uma voz luminosa e limpa, reverberando de sentidos múltiplos, quase fugidios, mas expondo-se lisa e branca, sem vincos nem manchas, como a verdade. Pressentimos desde logo palavras enganadoramente planas e frases erroneamente lineares. Por trás delas, ou depois delas, surge o espanto.

A julgar pelo título, o conjunto de 61 “histórias” suporia narrativas e enredos, organizados em linhas temporalmente sequenciadas. Mas

o que lemos são fragmentos de prosa, diálogos soltos e divagações. O que encontramos são extractos de vida, jogos de lógica e pedaços de riso. Aqui, deparamo-nos com duas vizinhas em vernáculo conflito. Ali, tropeçamos em líquida poesia. Acolá, vislumbramos a matéria das fábulas. E, mais adiante, enredamo-nos em paradoxos, falácias e outras acrobacias. Mas a narratividade mantém-se esquiva. Temos personagens, temos espaço, temos tempo. Temos, por vezes, acção. E temos trechos de conversas, de uma perfeita fluidez coloquial. Mas, tudo “contado”, o saldo confunde-se, desliza, evade-se. Talvez o trocadilho bem-humorado do título – histórias “mal narradas”, “mal numeradas” ou “mal contabilizadas”? – sinalize esse carácter ambíguo do texto,

* Departamento de Estudos Ingleses e Norte-Americanos do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

avesso a classificações, uma prosa tantas vezes poética onde só a ironia habita, só a música perpassa, só a magia respira.

Em rigor, o livro exhibe uma pródiga diversidade de géneros literários: nele se identifica a trilogia clássica dos géneros épico, lírico e dramático (e, neste, dos subgéneros trágico e cómico), devidamente fundidos em alegre coabitação, ou banidos em ousada usurpação. De igual modo, as tipologias textuais variam elasticamente: alguns textos são narrativos, sim, mas outros argumentativos; alguns são descritivos, outros instrucionais; alguns são expositivos e outros, finalmente, dialogais. E outros parecem ser tudo ao mesmo tempo. Também o registo oscila: entre o formal e o informal, o poético e o prosaico, o sublime e o raso. Por entre o vaivém dos números (o texto 053 vem antes do 008, o 066 depois do 081), o livro baloiça entre categorias, questionando-as e pondo-as ludicamente em causa. Promete histórias, mas não dá propriamente histórias; promete fazê-lo “mal”, mas fá-lo bem, fazendo outra coisa. E, nesse lugar-outro, o que é deixa de ser, e o que não existe brota. A maleabilidade semântica desta escrita é também existencial, quase ontológica, mas a Autora, uma Professora de Filosofia tão despretensiosa que só avança em seu abono “gostar de gatos”, joga com

as fronteiras do sentido e finge uma candura de neófito.

Longe de aleatória, a coletânea obedece a agrupamentos temáticos e discursivos. São em número de seis, com títulos que, pendularmente, se vão repetindo ao longo das páginas. O primeiro, “Floricultura”, abrange tópicos propriamente botânicos, se bem que extravasem largamente a cerca do jardim. Fala-se dos quotidianos gladiolos e das anónimas “florzinhas amarelas” que folcloricamente “polvilham os prados verdes do além” (p. 83), paralelamente a espécimes raros com *pedigree* latino e a exemplares oníricos, rubros, que apenas florescem no sangue dos assassinados. Avança-se então para a horta e legumes vários, desde os mais chãos repolhos aos aquáticos agriões, e logo para o pomar, onde se misturam a banal ameixa e a exótica jabuticaba. Fala-se ainda de árvores, de ervas daninhas, de cereais (uma história é sobre um insuspeito pão) e das mais diversas plantas, incluindo as misteriosas algas. Neste cortejo de pretextos vegetais, sucedem-se intrigas fragmentárias, alternando entre a do avô bonacheirão que perde a compostura por uma jarra de flores e a do *serial killer* que, como em Süskind, persegue poeticamente a beleza, neste caso de uma flor imaginária. A abrir e a fechar a série, dois textos belíssimos, arcaizantes, dirigidos na segunda pessoa

do plural a uma musa indistinta, toda ela metáfora:

São Vossos lábios aspargos, Vosso queixo um cajueiro, ervilhas Vosso nariz. E os Vossos olhos, ó deuses. Como a tamareira a cujo tronco se agarram símios e rapazes de alpercatas frágeis. A cidreira do Vosso colo em vez de acalmar vulcaniza, e as cinzas do que foram hortas cobertas de lava tingem as Vossas faces. (p. 9)

No texto que encerra o conjunto, de ressonâncias camonianas, a erva dos prados assume, em erupções sinestéticas, um poder redentor:

Gado que pasceis, vossos olhos das ervas levantai, revelai vossa concórdia. (...) À cor baça das almas fazei suceder o amarelo. O roxo desponta, irrompe o escarlate. Pascei, o campo atulhai de ervas nupérrimas. Não permitais que sequem suas lâminas. Não consintais que como as almas pendam algum dia. (p. 89)

Não serão histórias estes dois textos; antes odes, exortações, cânticos.

Em “Coisas Esdrúxulas” o tempo regride. Volta-se à Grécia com Orfeu e Eurídice, a Roma com Marco António, ao Egipto com Cleópatra, à Idade Média com os cátaros e aos Descobrimentos com os nautas. Em ritmo sincopado e frases curtas, elípticas, os temas e

os motivos tornam-se sombrios: veneno, tortura, tempestade, massacre, morte. Espectros e mitos confundem-se com figuras históricas (Pitágoras, Pirro, Ptolomeu) em exercícios formais onde as antepenúltimas sílabas acentuam essa antiguidade, tornada etimológica, e assumem a força das coisas tónicas e solenes. Dos efeitos do rícinos escreve-se (itálico nosso): “*Gotícula* a *gotícula*, a *válvula* do coração, *bicúspide*, acalma, a *língua* desliza no dente, *bicúspide*, *túrgida*” (p. 45). Do homem ao leme, “*solícito*”, diz-se que é “*átomo* indistinto no *âmago* de um *vórtice*” e que “aos céus, *plúmbeos* e ferozes, nada pede, nem *ósculo* nem *colírio*” (p. 79). Da *víbora*, dita “*magnânima*”, “que os dentes cravou no áureo braço *faraónico*”, aniquilando a “*hierática* e *magnífica*” imperatriz, conta-se que pôs fim “a *beatíficos* fins de tarde *egípcios*, os raios *oblíquos* do sol dourando o Nilo” (p. 95). Nesta assonância rítmica, quase barroca, o jogo fonológico das sílabas musicaliza o texto, teatralizando-o. E, muito a propósito, surge o paquiderme, também ele egrégio e vetusto, excelente exemplo da batida adequadamente esdrúxula destes sons:

Um elefante, claro. (...) Ora *tépido*, envolto em pó *rúbido*, *puníceo*. Ora *álgido*, as patas áureas jactos *líquidos* espalhando. Afasta o insecto

morbífero com a cauda *íntegra*. E das orelhas vastas ondas *vocálicas* partem para *míticas* costas. (p. 11)

Com “Frasas Famosas” o tom coloquializa-se e, em jeito de brincadeira, decompõe-se o significado de citações de figuras célebres – bíblicas, religiosas, literárias, militares. Desfilam Abdão, Gregório de Tours, Rabelais, Nelson. E atomiza-se as tiradas por eles alegadamente proferidas, reduzindo-as *ad absurdum*. Se Nelson proclamava estar quinze minutos à frente do seu tempo, talvez o Duque de Wellington não fosse tão despachado, a julgar pelo braço e pelo olho que em má hora perdeu no campo de batalha. E graça a Autora, num salto de raciocínio no mínimo ginasticado:

Se calhar é isso o que significa uma sua frase célebre, que nascer num estábulo não faz de ninguém um cavalo. (...) Se nascer num estábulo for equivalente a perder um braço, então ser cavalo é equivalente a ser maneta. (pp. 25-26)

Da jocosa falácia chega-se, num emaranhado de cómicos paralogismos e termos politicamente incorrectos, ao célebre postulado pré-socrático:

Ou então vá-se lá saber se era isso que Heráclito queria dizer quando escreveu que o caminho que sobe é o mesmo que desce. Que ser

maneta é o mesmo que não ser maneta. Que, sendo o mesmo o caminho, subir e descer não têm importância nenhuma. Nem isso, nem a quantidade de braços. E de olhos, não se esqueçam, tudo o que aqui foi dito acerca de manetas aplica-se igualmente a zarolhos, já que Wellington perdeu um de cada, um braço e um olho. (p. 26)

Mas as frases ditas famosas não são só de grandes nomes da história. Algo de tão corriqueiro como a fórmula “A menina dança?” (p. 74) dá o mote a uma digressão cáustica sobre a natureza da sedução. Outras frases, ainda, remetem para autores implícitos, cujo nome paira, ausente, aguardando a identificação intertextual. Tal é o caso de Wilde, no episódio do homem que assistiu desgostado a um homicídio numa taberna e a quem se ouviu dizer: “Se for preciso matar alguém, não custa nada ser bem-educado” (p. 52).

O quarto agrupamento temático intitula-se “Reportagens” e constitui um apanhado delicioso de sátiras jornalísticas. As “notícias” caracterizam-se pela parca relevância e ténue consequência, gravitando em torno de um real que, em virtude da análise que o bistoriza, não raro se torna mágico, evoluindo-se em implausível fantasia. Regra geral, o relato noticioso começa por um *fait-divers*: as padeiras que entram em desenfreada competição, o motorista casual que

consegue fazer andar um engarrafamento, a família que é atingida por um ataque de paralisia, o restaurante que abre portas na capital, a festa que se prepara na aldeia para receber o concidadão ilustre, a octogenária aristocrática que falece. Mas logo as padeiras conseguem o sortilégio de fazer o tempo retroceder, “tornando-se nos primeiros seres humanos a realizar a tão almejada e paradoxal viagem no tempo” (p. 14). O motorista frustrado, que nunca sai de casa sem o seu apito, discorre surpreendentemente sobre o “efeito moral” dos extintos policiais sinaleiros citando Kant (p. 20). A “família t” – de *triste*, fica a saber-se – sofre um episódio súbito de melancolia que, como no conto da Bela Adormecida, transforma os seus membros em estátuas no decurso dos afazeres diários (p. 40). O restaurante que é inaugurado tem afinal o inaudito nome de “K’aniBaal”, por motivos óbvios e pouco recomendáveis (p. 49). A festa na aldeia celebra o feito de o filho da terra ter ficado, “com esforço e garbo”, em último lugar numa prova desportiva (p. 69). E descobre-se que a venerável senhora viscondessa sofreu morte criminosa, ela que, às escondidas, lia Sade e Nabokov (p. 71). O cómico e o absurdo marcam profundamente todos os textos – nos quais, como em *O Processo* ou *O Castelo* de Kafka, as iniciais substituem os nomes dos protagonistas.

Contudo, as “reportagens” são também, mais uma vez, pretextos para divagações bem mais filosóficas do que jornalísticas. Por exemplo, o grupo de curiosos que espera a chegada dos assassinos a tribunal leva a discorrer sobre a natureza do horror: “Sabemos que a paralisia indica mais o horror do que o descontrole, porque o descontrole mimetiza os esforços de fuga, a paralisia o seu malogro” (p. 90). De igual modo, o suicida junto ao abismo e o prisioneiro que sai finalmente em liberdade provocam uma reflexão sobre a questão dos opostos: “A diferença entre estar alto e estar fundo é pequena” (p. 53) / “Sempre que há excesso de luz é como se houvesse excesso de breu” (p. 100).

Nova mudança de registo chega com “Contos Zen para Crianças Boas”, um conjunto tão adorável como assustador de textos supostamente infantis. O formato é pedagógico, mas o conteúdo não é propriamente pacificador ou edificante. Falar de filmes de terror e de piratas pessimistas, “que só encontra[m] os seus tesouros por acidente e pode[m] levar uma eternidade a encontrá-los” (p.67), não dá exactamente sonhos descansados à pequenada. O mesmo se pode dizer de os jovens leitores darem de caras com o diabo, ou com deuses para quem “nós somos a parte menos importante do mundo” (p. 84), em contos ditos “zen”, espe-

cialmente em passagens capazes de causar arrepios ao mais audaz dos miúdos, como esta:

Aqueles que acordam a meio da noite e o vêem pendurado de cabeça para baixo de uma viga do tecto juram que ele dorme de olhos abertos. Os outros que o descobrem debaixo da cama de madrugada garantem que os dentes dele brilham no escuro. (p. 24)

Apesar destes casos atípicos, os animais protagonizam, como é tradição na literatura para a infância, grande parte dos textos: gatos, patos, galos, galinhas, porcos, cigarras (e formigas), sapos, corvos e, é claro, dragões. Mas os textos na sua maioria não são fábulas, com os bichos a agir como humanos, falando e pensando; são antes notas expositivas, em parágrafos únicos e breves, sem estrutura pronominal (os sujeitos e os objectos vêm repetidos na íntegra, como aliás costuma acontecer no discurso redundante da infância) e com o tom apropriado de autoridade informativa que as crianças esperam dos adultos. Porém – e aqui reside a sua graça – vêm pejados de imprecisões, tautologias e erros caricatos, como é o caso deste: “Há duas maneiras de dar banho a um gato: a difícil, a muito difícil e a impossível” (p. 19). Ou deste:

Os animais voadores com penas dividem-se, como se sabe, em pás-

saros, passarinhos, passarões, aves de arribação e cucos. Há animais voadores sem penas, e dividem-se de outras maneiras. E há animais não voadores com penas, que também têm a sua divisão. (...) (p. 37)

O sexto e derradeiro conjunto temático do livro, “Criaturas Metafísicas”, é, como o título indica, o mais explicitamente filosófico ou, uma vez mais, satiricamente filosófico. Nele se ensaiam explicações sobre a estrutura e o funcionamento dos fenómenos do universo, sendo os leitores informados de que a Terra “está em cima de um elefante, que está em cima de uma tartaruga, que está em cima de uma tartaruga, e assim sucessivamente”, subsistindo no entanto um enigma primordial: “a saber, por que razão entre a Terra e a primeira tartaruga está um elefante” (p. 30). Revela-se noutro texto que o mecanismo da física planetária é “obsoleto”, “gasto e moído” (afinal, “foi criado no primeiro dia” e “vem funcionando desde então”), pois “range mantendo os céus suspensos e as águas mansas” (p. 46). Também há textos que se abalançam sobre as causas de fenómenos cosmológicos que ultrapassam as fronteiras do tangível, tais como as irritações frequentes do “deus das nuvens”, que “lança raios e martela trovões, grave, majestoso, com aparato e pompa”

(p. 34), ou a “cólera, furor e frenesi” dos “anjos psicopatas”, cujos gritos “estarrice[m] peixes e mamíferos, aves e insectos”, “quebra[m] rochas” e “fende[m] diamantes” (p. 66), ou, ainda, a perícia e sabedoria do antonomástico “santo das moscas” que logrou a anuência das ditas e, sem precisar de ser serrado ao meio ou perfurado por lanças, a conseqüente e difícil santidade (p. 99). Outras divindades são convocadas, inclusive as terrenas que assim se auto-proclamam, como Augusto, que se decretou deus em estátuas e praças para “intimidar os bárbaros”, mas não escapou à censura do sábio Ovídio, que por isso foi exilado (p. 92). Mas o melhor exemplo do exercício analítico em torno dos seres metafísicos talvez seja o elenco dou-tamente interminável dos heterónimos de satanáas – o qual, malgrado as dezenas de terríveis epítetos, se materializa na qualidade de dócil fada do lar, aspirando tapetes, polindo pratos e desentupindo retretes. Conclui-se com uma interrogação: “Haverá, gostávamos de saber, mais demónios ou mais tarefas domésticas” (p. 88).¹

Um elemento transversal a todas estas “histórias” é a presença intermitente do comentário meta-textual. Marca de um afastamento lúcido entre o sujeito que diz e a coisa dita, de um desprendimento auto-

ral face à construção do texto ou, em contrapartida, de uma atitude explicativa, genuína ou não, perante o leitor (veja-se a moral da história das padeiras competitivas fornecida no final do texto, pp. 14-15), a ocorrência de apartes encerra também muito de humorístico. Passamos a dar três exemplos, dos muitos que povoam o livro. Na “reportagem” em que os dados iniciais do INE se baralham com registos de 1348, perdendo-se o suposto jornalista em considerandos espúrios sobre a época, a longuíssima (e única) frase termina com uma pérola de ironia sobre a auto-referência:

(...) todo o trabalho é útil, o do repórter mais ainda desde que saiba veicular informação relevante em poucas frases e esta é só uma, está cumprido o objectivo. (p. 33)

No texto, no mínimo lacónico, sobre o longevo engenheiro (e filósofo) Manoel de Azevedo Fortes (1660-1749), a voz autoral emerge espiritualmente à superfície narrativa, dizendo (note-se o plural majestático):

Hoec Azevedo viva est scribentis imago sua... e para quem não sabe latim, *como é o caso de quem agora escreve*, deve querer dizer alguma coisa como isto, ora aqui está uma imagem de Azevedo (...) *Não podemos deixar de confessar a ignorân-*

¹ Sem ponto de interrogação no original.

cia em que estamos quanto (...) ao que pensava da construção de pontes, se não o incomodava a peruca na confusão do estaleiro, se antes via no pó das obras uma oportunidade de empoá-la. *Sabemos*, isso sim, que morreu, mas *não fazemos ideia* de como. (p. 38)

O comentário metalinguístico volta a assomar no que parece ser um libelo de *ars poetica* algo histriónico:

(...) são Vossos lábios *não direi um botão de rosa, já está estafada esta imagem. Imagens assim, enterremolas.* (...) Até que, milénios passados, a nós regressem, descobertas por algum, *ia dizer vate mas também esta palavra merece a cova.* (p. 9)

Passemos à conclusão. *Histórias Mal Contadas* é, ainda e finalmente, um livro de um bom gosto imaculado. Não contém um único lapso de estilo, uma só concessão ao lugar-comum, um momento que seja de banalidade. Faz referência ao provérbio para o desconstruir, ao dito popular para o desmontar, à frase lapidar para a escarnecer. Não

se trata, também por isso, de um “primeiro livro”, embora o livro seja o primeiro da Autora em registo não-académico. Nada tem de imaturo, ou trémulo, ou indeciso, como os passos de um estreante que vai tacteando um chão literário que almeja mas não domina. É um livro de maturidade, de quem já muito escreveu e muito corrigiu, muito caminhou e perseverou, muito cogitou e muito, habilmente, se divertiu. Não é já um processo, mas um produto. E este produto, pleno de humor e de distanciamento crítico, com notas sábias e desarmantes de autoirrisão, vem inscrito numa mundividência multifacetada, imensa na sua pluralidade, única na sua expressividade. É já, portanto, uma *identidade*. E dizer isto, como diria a Autora, “não se pode dizer que (...) [seja] assim tão pouco” (p. 16).

[Recebido em 8 de setembro de 2017 e aceite para publicação em 5 de janeiro de 2018]
O presente artigo está escrito de acordo com a antiga ortografia, por opção da autora e em consonância com a obra recenseada.